

A tilápia vem se ajustando a novos cenários e regiões

A tilapicultura já passou por momentos de instabilidade, mas se recuperou e volta a crescer, sobretudo no Nordeste

A chamada revolução azul não é tão explosiva quanto as outras. Sem fazer alarde, vai-se implantando aos poucos e ocupando espaços. Revolução azul é o nome que se deu ao crescimento da produção de pescados, numa alusão à revolução verde, do final da primeira metade do século passado, que multiplicou as colheitas com novas tecnologias, especialmente os fertilizantes.

No Brasil, a criação de tilápias é o movimento mais importante da revolução azul. A liderança na produção já foi ocupada por vários estados, e atualmente está no Nordeste. O mais importante, porém, é que em nenhuma região a produção encolheu. Novas áreas de cultivo, com novas tecnologias, fizeram com que outras regiões passassem a produzir mais.

A novidade tecnológica de maior destaque atualmente é o aperfeiçoamento dos sistemas de produção em tanques-rede de grandes volumes, também conhecidos como plataformas. Houve ajustes na densidade de estocagem de peixes, avanços na nutrição e a adaptação de um modelo importado: o tanque-rede feito de polietileno de alta densidade (PEAD) com volume de 240 m³. Trata-se do mesmo equipamento utilizado no cultivo do salmão no Chile.

A atividade também vem se expandindo geograficamente. Novos corpos de água vêm sendo explorados em diferentes regiões. Os locais preferidos são aqueles em que as temperaturas não caem muito no inverno. Esse é o motivo da expansão da atividade em Goiás, Minas Gerais e no Nordeste.

A tecnologia nasceu no Sul

A tilápia foi inicialmente introduzida no Nordeste, mas a criação racional se desenvolveu no Paraná. Começou em tanques escavados, partindo para os tanques-rede na fase seguinte. Frigoríficos especializados no beneficiamento do peixe se instalaram no estado.

O Paraná também foi pioneiro na produção de alevinos e na importação de material genético. A linhagem Gift foi trazida pela Universidade Estadual de Maringá e a Piscicultura Aquabel importou a Tailandesa e a Supreme. Por alguns anos o Paraná foi o maior produtor de tilápias do Brasil. Atualmente, perdeu essa posição, mas ainda é o principal fornecedor de alevinos para as demais regiões do País.

São Paulo também chegou a ocupar o posto de maior produtor nacional, mas foi rapidamente suplantado por estados do Nordeste. O volume produzido em São Paulo é crescente, mas já foi mais acelerado no passado, quando o dólar mais caro tornava viável a exportação.

No início, o foco da produção era a exportação para os Estados Unidos. Mas há um limite de taxa cambial, R\$ 2,19, que viabiliza o negócio. É esse o ponto de equilíbrio entre receita e despesas. Os produtores consideram a exportação “confortável” com o dólar acima de R\$ 2,30. Com a desvalorização da moeda americana, os criadores paulistas buscaram novas formas de colocar o produto no mercado e passaram a explorar outras formas de escoamento da produção.

Levantamento informal junto a criadores e fornecedores de ração permitiu concluir que o Estado produz em torno de 1.400 toneladas de tilápia por mês. A região noroeste do estado, sobretudo Santa Fé do Sul, responde por mais ou menos dois terços da produção. A maior parte do peixe é processada em frigoríficos especializados e vendida no mercado interno na forma de filé. O restante escoado como peixe inteiro para a Ceagesp, salvo uma pequena quantidade de peixes vivos vendidos para os pesque-pagues.

Nordeste, o novo líder na produção

Nessa região há dois pólos de produção: o rio São Francisco, com destaque para a região de Paulo Afonso (BA), e o estado do Ceará. Também há produção de tilápias em outros estados nordestinos, mas não com tanto destaque.

O principal sistema de cultivo é o tanque-rede. No São Francisco a criação é feita em vários reservatórios (Itaparica, Paulo Afonso, Xingo e Xingozinho) construídos para geração de energia elétrica. Esse polo se estende por vários estados (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe) e tem uma produção estimada de 900 t/mês.

As empresas Netuno e Pescanova têm investido nesta região com uma tecnologia diferente: tanques-rede de PAD de 240 m³, classificadores de peixes e alimentadores automáticos. A Netuno contratou o fornecimento de ração de alguns fabricantes, produz os próprios alevinos e faz a filetagem em instalações da empresa, num sistema semiverticalizado. A Pescanova ainda está implantando seu sistema, começando pelo frigorífico.

Figura 1. Tanques-rede de 240 m³ e despesca mecanizada no polo do rio São Francisco



O polo cearense produz em torno de 1.600 t/mês. O estado é o maior produtor e também o maior consumidor de tilápia do Brasil. Isso é uma prova do potencial de mercado da tilápia, pois o Ceará tem um vasto litoral e um desembarque significativo de pescado marinho.

Os reservatórios cearenses não foram feitos para gerar energia elétrica e sim para estocagem de água, pois o período chuvoso na região se limita a 3 meses por ano. Os açudes de Castanhão e Orós, com 6,7 bilhões e 2,1 bilhões de m³, respectivamente, são os maiores, mas ainda estão subexplorados. O açude Sítios Novos, com volume de água muito menor, é o maior produtor, com aproximadamente 350 t/mês. O Olhos d'Água e o Rosário também estão ganhando destaque pelo volume produzido.

O clima quente ao longo do ano e o grande volume de água de excelente qualidade favorecem o desenvolvimento da atividade nesses açudes. E a produção pode crescer ainda mais, com a regularização de novos parques aquícolas pelo Ministério da Pesca e Aquicultura.

Fora da região nordeste, o estado de Goiás vem se destacando na produção de tilápias. A área de maior potencial é o lago Serra da Mesa, onde vários empreendimentos estão se instalando. A tilapicultura também cresce nos reservatórios mineiros de Furnas e Três Marias. Nos próximos anos, todos esses deverão fazer parte das estatísticas.

O mercado e os custos de produção

O preço de venda e os custos de produção são diferentes de uma região para outra. Os produtores do Nordeste têm despesa maior, mas vendem por preços mais altos. Em São Paulo, o custo gira em torno de R\$ 2,40/kg e o peixe é vendido por R\$ 3 a R\$ 3,20. No Nordeste, o custo aproximado é de R\$ 2,80/kg, mas o piscicultor consegue vender por R\$ 4,30 a R\$ 5,00/kg, dependendo do tamanho do peixe.

É a ração que onera a produção nordestina. Algumas fábricas de ração se instalaram na região, mas o custo para aquisição de matérias-primas ainda é alto. Em muitos casos o custo com frete para enviar o produto acabado da região sudeste é equivalente ao diferencial para aquisição de matérias-primas no nordeste. Situação esta que não deve perdurar por muito tempo, já que a demanda constante por estes insumos acaba gerando novos fornecedores.

Mesmo sendo uma atividade relativamente nova, a tilapicultura já enfrentou momentos difíceis, mas sobreviveu e continua em crescimento. A espécie é muito versátil e se ajusta a diferentes sistemas de cultivo, qualidades de água, climas e, principalmente, exigências de mercado. Seja na forma de filé ou peixe inteiro, preparada frita, assada ou em molhos, a tilápia agrada aos mais exigentes paladares. Talvez seja este o grande diferencial dessa espécie: conquistou o consumidor.

Fábio Rosa Sussel,

Zootecnista, *MSc.*, sussel@apta.sp.gov.br,

Pesquisador científico da área de Nutrição de Peixes

Apta Centro-Leste –UPD Pirassununga, SP.

[O artigo em tela foi originalmente publicado no Anualpec 2010](#)